



## Valnice Milhomens, suas igrejas e Moçambique: a trajetória de uma apóstola brasileira antes, durante e depois do país africano

Valnice Milhomens, her churches and Mozambique: the trajectory of a Brazilian apostle before, during and after the African country

César Aquino Bezerra<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a trajetória de uma importante líder evangélica brasileira a partir da década de 1970 até o tempo presente, cuja construção de sua biografia e apostolado passa por suas experiências em Moçambique e torna-se memória de teor sagrado de sua igreja. Assim, Valnice Milhomens Coelho conta sua trajetória de sucesso na África, vivida dentro da Convenção Batista Brasileira, pela qual atuou por treze anos. Após novas experiências no continente africano, deixou a igreja batista e no Brasil fundou uma nova igreja, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC), e se tornou representante de outros movimentos dentro do universo evangélico brasileiro. O artigo se ampara na revisão bibliográfica de uma crescente produção sobre as igrejas evangélicas no Brasil e Moçambique, bem como nas narrativas da memória da INSEJEC, para compreender a inserção batista brasileira em Moçambique, os movimentos e críticas em que Valnice Milhomens esteve envolvida no Brasil, bem como a continuidade de seu novo ministério na África de língua portuguesa. Portanto, a partir dessa trajetória se desvela parte da história das igrejas brasileiras e suas missões no exterior, consolidando o crescimento evangélico no Brasil e em Moçambique, através de personagens como Valnice Milhomens e os próprios moçambicanos.

**Palavras-chave:** Valnice Milhomens. Igrejas evangélicas. Pentecostalismo. África. Evangelização.

**Abstract:** This article analyzes the trajectory of an important Brazilian evangelical leader from the 1970s to the present day, whose biography and apostolate are built on her experiences in Mozambique and become a sacred memory of her church. In this way, Valnice Milhomens Coelho recounts her successful trajectory in Africa, lived within the Brazilian Baptist Convention, for which she served for thirteen years. After new experiences on the African continent, she left the Baptist church and founded a new church in Brazil, the Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC), and became a representative of other movements within the Brazilian evangelical universe. The article is based on a bibliographical review of a growing body of work on evangelical churches in Brazil and Mozambique, as well as the narratives of INSEJEC's memory, in order to

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em História pela Universidade Federal do Amazonas. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. E-mail: cesaraquinobezerra@gmail.com.



understand the Brazilian Baptist insertion in Mozambique, the movements and criticisms that Valnice Milhomens was involved with in Brazil, as well as the continuity of her new ministry in Portuguese-speaking Africa. Therefore, this trajectory reveals part of the history of Brazilian churches and their missions abroad, consolidating evangelical growth in Brazil and Mozambique, through Valnice Milhomens and the Mozambicans themselves.

**Keywords:** Valnice Milhomens. Evangelical churches. Pentecostalism. Africa. Evangelization.

## Introdução

Este artigo nasceu nas primeiras reflexões após a inscrição na disciplina “Religiões e Religiosidades na África no século XX: o desafio da cidadania”, oferecida no PPGH-UFAM. Lembrei de uma importante personagem da história evangélica<sup>2</sup> brasileira, ainda em atividade, especialmente por ser uma liderança feminina, que havia servido em Moçambique junto à sua antiga igreja brasileira. Esse país está marcado em sua biografia e na memória de seu grupo, pois a partir daí voltou ao Brasil e iniciou sua nova igreja.

Conheço Valnice Milhomens Coelho há muitos anos, antes mesmo de adentrar na universidade, quando agia como um pesquisador amador, procurando conhecer mais da história da igreja evangélica brasileira, especialmente daqueles chamados de “apóstolos”. Ela foi a primeira missionária batista em Moçambique, na década de 1970. Na metade da década seguinte, quando retornou ao Brasil, tornou-se uma televangelista pioneira, e consolidou seu nome como uma das referências em temas como teologia da prosperidade, movimento de oração e sionismo evangélico. Em 1994, fundou a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC). Em 2001 foi reconhecida como apóstola, através de líderes internacionais. Desde então, com controvérsias entre evangélicos e não evangélicos, essa apóstola continua como uma importante liderança desse segmento no país.

Este artigo se constrói a partir da trajetória apostólica de Valnice Milhomens – como é comumente referida nos seus textos e de sua igreja –, reconstruída a partir da

---

<sup>2</sup> A academia tem dificuldades com a categoria *evangélicos*, que abrange os mais variados grupos de igrejas e lideranças. Porém, o que é ou não é *evangélico*, também está em disputa dentro das próprias igrejas. Aqui, *protestante*, *evangélico*, *pentecostal*, *neopentecostal*, são entendidos como uma apropriação que os próprios membros dessas igrejas fazem, podendo se identificar com os quatro termos ou não.



produção bibliográfica sobre os cristianismos no país e África, das narrativas de seu ministério e outros sites. Define-se sua experiência em Moçambique, reivindicada como de orientação divina, como uma memória que parece sagrada a constituir uma distinção que demarca o início de seu apostolado e justifica sua história. Busco analisar seu ministério antes e depois de Moçambique, dentro da inserção batista brasileira, envolvimento em movimentos das igrejas evangélicas brasileiras, críticas, bem como a continuidade de seu novo ministério na África de língua portuguesa, para compreender parte da história das igrejas brasileiras e suas missões.

### 1. Uma biografia de Valnice Milhomens

Valnice Milhomens Coelho é maranhense de Carolina, onde nasceu em 16 de julho de 1947. Conforme conta, se converteu na adolescência após estudar a Bíblia por três anos; sentindo-se chamada ao ministério, ingressou em 1965 no Seminário de Educadoras Religiosas em Recife, Pernambuco. Após sua formação, em janeiro de 1971, Valnice foi a primeira missionária enviada pela Junta de Missões Mundiais (JMM) da Convenção Batista Brasileira (CBB) à África, para trabalhar em Moçambique<sup>3</sup>.

Segundo a construção de sua biografia, durante o regime comunista no país africano, dedicou-se a uma escola bíblica, plantar igrejas e formar pastores enfrentando as restrições do governo. Após experiências que incluíram a adesão às crenças pentecostais, Valnice renunciou à JMM e atravessou para a África do Sul, onde passou mais dois anos. Em Pretória, recebeu seu chamado sobrenatural para voltar ao Brasil, quando Deus teria lhe dito: “tenho um ministério para ti no Brasil. Treina-me um exército” (INSEJEC, s.d).

Valnice retornou ao Brasil no fim de 1985. Em fevereiro de 1986, iniciou seu ministério, com base em Recife, viajando a convite de igrejas e seminários. Em 1987, fundou o Ministério Palavra de Fé e foi formalmente ordenada como missionária, por um concílio presidido pelo Pr. José Linaldo de Oliveira, da Igreja Batista Central de Recife. As congregações ligadas a ela levaram o nome Palavra de Fé. Mudou-se para

<sup>3</sup> Os dados biográficos dessa seção foram compilados de: INSEJEC (s.d.); Romeiro (1998); Distrito Federal (2004); Ministério César (2010, 2012a); Milhomens (2010); Alves (2021); Conselho Apostólico Brasileiro (2021); Dunamis Movement (2022); Eler (2022).



São Paulo em novembro de 1992 e estabeleceu a sede do ministério em São José dos Campos em agosto de 1993.

Uma das pioneiras do televangelismo no país, Valnice foi a primeira líder evangélica a apresentar um programa de TV, iniciado em 1989, onde permaneceu por 23 anos, até focar no treinamento de líderes via internet. Como líder de oração, fundou o movimento Guerreiros da Oração, que arregimentou dez mil pessoas para realizar jejum e oração ininterruptos entre os anos de 1993-1999, cada um dando um dia por semana. Foi ordenada pastora em 30 de abril de 1993 por um concílio de pastores de diversas denominações, por iniciativa do Pr. João Batista Martins de Sá, da Igreja Batista Ágape em Campinas.

A Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (INSEJEC) reconhece seu nascimento em 28 de março de 1994, na sede do Ministério Palavra da Fé em São José dos Campos, com doze pessoas, logo após o batismo de dois seminaristas católicos, convertidos através do programa de televisão. No dia 20 de junho, a igreja foi organizada como personalidade jurídica, quando se reuniram as congregações para se constituírem oficialmente em INSEJEC. No final daquela década Valnice conheceu a Visão Celular no Governo dos Doze (G12) na Colômbia. Depois, se tornou parte da Equipe G12 Nacional de César e Cláudia Castellanos, pastores colombianos fundadores do G12. Apesar de não muito conhecida, observando as redes sociais, a igreja possui algumas dezenas de templos espalhados por todas as regiões do país, mais Angola, Emirados Árabes, Japão, Moçambique e Portugal.

Enquanto o reconhecimento de Valnice como missionária e como pastora veio por meio de pastores brasileiros, seu apostolado foi afirmado por líderes estrangeiros, no momento em que a ideia de apóstolos contemporâneos estava em seu início. Erroneamente, a conexão de Valnice com César Castellanos faz muitos atrelarem seu apostolado a ele; mas foi através do apóstolo costa-riquenho Rony Chaves, ligado à International Coalition of Apostles, que a chamada Nova Reforma Apostólica despontou no Brasil, e já tendo Valnice como figura chave. Rony Chaves ungiu e reconheceu Valnice como primeira apóstola do país em 5 de agosto de 2001, juntamente com outros três homens, durante o Seminário da Rede de Intercessão Estratégica patrocinado pela Dra. Neuza Itioka, na igreja Comunhão Cristã nos Jardins em São Paulo. Dias depois, na INSEJEC, a liderança da igreja e líderes da nação realizaram um



culto especial para reconhecimento da unção apostólica. Essa liderança apostólica de Valnice a tornou um dos membros originais do Conselho Apostólico Brasileiro, iniciado em 2005.

Valnice é conhecida por sua escolha pelo celibato, encarado como um dom e chamado dados por Deus. Defensora pública de Israel e da sua ligação com as igrejas evangélicas, desde o final da década de 1980 tem conduzido caravanas e realizado congressos na Terra Santa. Sua influência nesse aspecto teria resultado no reconhecimento recebido do Ministério de Turismo de Israel e homenagem do prefeito de Tiberíades, com a chave da cidade.

Após recontar parte da sua trajetória, segue-se a história de sua primeira igreja em Moçambique, seu lugar nela, e as experiências que dão largada a seu ministério apostólico no Brasil.

## **2. Missões brasileiras em Moçambique: os batistas e o pré-apostolado de Valnice**

Uma das páginas da INSEJEC descreve o ministério missionário de sua fundadora em Moçambique:

Aos 23 foi nomeada a primeira missionária à África, pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira (27.11.1970). Serviu como tal em Moçambique por 13 anos, cerca de dez dos quais, como a única missionária evangélica no País, em meio ao comunismo. Depois viveu dois anos na África do Sul, onde mergulhou num poderoso avivamento e recebeu o chamado de volta ao Brasil (INSEJEC, s.d.).

Segundo Dowyvan Gaspar, o protestantismo chegou a Moçambique no século XIX através de moçambicanos convertidos em missões na África do Sul, onde eram mão de obra em plantações e minerações. Ao retornar, “chegavam já catequizados pelos protestantismos existentes naqueles países e organizam sucursais desses movimentos ou formavam seitas autônomas” (Gaspar, 2006, p. 61). Portanto, “a penetração do protestantismo em Moçambique não foi fruto ou decorrência de simples catequese praticada pelas missões propriamente ditas, mas também pela migração de homens que partiam para trabalhar nos países vizinhos” (Gaspar, 2006, p. 62). Contudo, apenas no último quarto daquele século, “a presença missionária protestante propriamente dita se fez sentir em Moçambique”, com a instalação de juntas e missões (Gaspar, 2006, p.



63)<sup>4</sup>. Tereza Cruz e Silva (1998, p. 397) indica que a presença dessas missões “foi desde o primeiro momento vista com desconfiança pelos Portugueses, com interesses económicos e políticos nesta zona, e as suas actividades suportadas com relutância”.

O trabalho batista em Moçambique iniciou-se com os portugueses. Segundo Harley Moreira, a primeira igreja batista, na cidade de Lourenço Marques, foi fundada em 1950, através da iniciativa da Convenção Batista Portuguesa (CBP), portanto, durante o Estado Novo português, momento de forte emigração de portugueses que “intensificavam a colonização de províncias em franco desenvolvimento como Angola e Moçambique” (Moreira, 2019, p. 54). Logo, as agências missionárias acreditavam que “essa população portuguesa e católica em África careceria de uma ação evangelizadora”, e ao longo desse quarto de século “se caracterizou por ser uma igreja de portugueses brancos que, de acordo com as notícias de seu principal veículo de comunicação, eram, em sua maioria, nascidos na metrópole, tal qual seus fundadores” (Moreira, 2019, p. 55).

Portugal havia assinado uma concordata com a Santa Sé em 1940, e “nesse contexto de aliança entre estado e igreja, o protestantismo foi, quase sempre, perseguido” (Moreira, 2019, p. 56). Colaborava para tal que,

apesar das igrejas protestantes também possuírem uma mensagem de civilização, suas missões valorizavam, de modo geral, as línguas africanas e as culturas locais, pois era através de uma penetração cultural mais profunda que se tentava incutir os novos valores, ao passo que o governo português de braços católicos, tentava erradicar a cultura local substituindo-a pela portuguesa (Moreira, 2019, p. 56).

Traduzindo a Bíblia para as línguas locais e celebrando seus cultos, as igrejas protestantes eram “como um ponto de encontro e um suporte para as populações nativas diante das durezas do colonialismo” (Moreira, 2019, p. 57). Ou seja, mesmo com a violência colonial, a posição assumida por missões, como a estudada por Silva (1998), era oposta ao governo. Ao longo do debate historiográfico sobre os cristianismos em Moçambique e a formação do país, esse entendimento foi retomado por outros autores, como Linda Van de Kamp (2015, p. 396), que aponta como “as igrejas protestantes se tornaram intimamente ligadas à formação do Estado-nação, assim como a Igreja

---

<sup>4</sup> Cf. a dissertação de Gaspar para um panorama das religiões em Moçambique no fim do século XX.



Católica estava vinculada ao projeto do Estado colonial português”. Considerando as relações de poder dentro do estado colonial, criava-se um duplo preconceito a ser enfrentado pelos convertidos: “reforçando não só o fosso entre as fronteiras que separavam católicos e protestantes, mas também entre a população nativa, dividida entre ‘assimilados’ e ‘indígenas’” (Silva, 1998, p. 398), pois os assimilados seriam os nativos devidamente católicos e patriotas<sup>5</sup>.

Deste modo, o contexto colonial também era uma barreira para o avanço protestante no país, então só restava uma escolha:

essas outras igrejas teriam de optar por uma evangelização inserida nas culturas locais, o que implicaria em enfrentamento direto com a igreja católica e as forças coloniais, ou por um trabalho mais discreto de apoio espiritual aos colonos portugueses, cooperando indiretamente com a ideologia do regime autoritário, patriótico e cristão (Moreira, 2019, p. 63).

Os missionários portugueses não tomaram essa atitude. Depois da primeira década, “a comunidade cresceu, porém se destacava pela aparente inexistência de pessoas negras”; logo, “a opção de, inicialmente, não evangelizar os negros africanos das diversas etnias presentes em território colonial” pode ser interpretada como “uma tática para evitar o confronto com as autoridades portuguesas e com as estruturas daquela sociedade” (Moreira, 2019, p. 64). Em todo caso, “os conflitos daquela sociedade e a identidade da igreja que parecia refletir o racismo colonial, não gerou grandes desconfortos para aquele grupo cristão que pôde desfrutar de uma porção do Portugal continental na África” (Moreira, 2019, p. 65), beneficiados pelos privilégios que espantaram a missionária brasileira que desembarcou em Lourenço Marques, ao perceber a igreja “em harmonia com a ordem social da colônia, profundamente dividida e segregada” (Moreira, 2019, p. 66).

Antes de Moçambique, desde 1908, as primeiras missões internacionais da CBB se dirigiram a Portugal, com missionários em diversas frentes de atuação no país. As trocas entre os batistas dos dois lados do oceano gestaram o interesse dos brasileiros por

---

<sup>5</sup> Cf. a pesquisa de Silva sobre a missão suíça e sua atuação educacional, indispensável na formação de identidade cultural e pertença étnica. A educação dispensada pelos missionários protestantes ultrapassou o esperado, preparando uma liderança que serviu não apenas à igreja, mas se tornou política e atuante na independência. Destaca-se o caso do próprio primeiro presidente moçambicano.



Moçambique, principalmente mediante imagens e textos em jornais e revistas, acendendo uma missão, obviamente pautada na diminuição do Outro: “caberia a esses cristãos ‘libertar’ os nativos dos sofrimentos causados por suas superstições, seus rituais e práticas que agrediam seus próprios corpos” (Moreira, 2019, p. 82).

Para os batistas, antes do envio missionário, era imprescindível o estudo. Assim, Valnice, Albertina Ramos da Silva e Maria Ivonete da Costa – e depois a substituta de Valnice, Noêmia da Silva Gabriel – primeiro foram para o seminário. Ao mesmo tempo que salienta o protagonismo feminino na história da expansão batista brasileira em Moçambique, Moreira mostra o lugar de separação dentro da CBB e da formação missionária, pois as mulheres não estudavam juntas dos homens nos seminários teológicos, mas em espaços separados especialmente construídos para se formarem como educadoras cristãs. Isso também significa a adequação das jovens mulheres ao padrão desejado pela CBB.

Era muito improvável, por exemplo, que uma jovem formada no SEC [Seminário de Educadoras Cristãs, Recife] ou no IBER [Instituto Batista de Educação Religiosa, Rio de Janeiro] fosse enviada a Moçambique sem que seus pastores e gestores tivessem a certeza de que era alguém perfeitamente integrada na cultura e no modo de ser batista, convicta das doutrinas daquele grupo e comprometida com seus princípios. O caráter e os valores culturais das futuras missionárias eram, por sua vez, trabalhados em instituições que, durante aquele período, se comunicavam muito bem com o universo cultural daqueles regimes autoritários e, durante quatro anos, através da rotina rígida e de uma filosofia educacional sólida, eram formadas e preparadas para resistir, não apenas aos sofrimentos que enfrentariam, como às realidades culturais bastante diferenciadas dos lugares onde viveriam. Para tal, eram condicionadas à resiliência e a fazer prevalecer não apenas sua religião como a visão de mundo que lhe acompanhava (Moreira, 2019, p. 110).

Após a longa preparação, em 1971, as três missionárias acima nomeadas, mais um homem, desembarcaram na África do Sul, de onde partiram para Moçambique. Logo perceberam a realidade:

As populações negras, principal motivo de estarem ali, uma vez que, em suas perspectivas, tratava-se de povos nativos que nunca haviam ouvido a mensagem do evangelho cristão e, por isso, eram priorizados, não estavam lá. Em seu lugar, duas igrejas de colonos portugueses brancos que falavam em missões em seus impressos, mas não costumavam partir ao encontro dos autóctones (Moreira, 2019, p. 112).





Esse importante momento para os batistas brasileiros ainda é rememorado. Na edição do *O Jornal Batista*, órgão oficial da CBB, comemorando os 109 anos da convenção e o Dia do Missionário Batista, uma matéria aponta:

O avanço em direção à África aconteceu em 1971, quando uma missionária, Valnice Milhomens Coelho, chegou a Lourenço Marques (atual Maputo), capital da então colônia portuguesa de Moçambique, campo africano que continua com nossa presença (Rangel, 2016, p. 11).

A chegada dos brasileiros deu força para a transformação das missões. Enquanto ao longo da direção portuguesa, “as poucas igrejas desse grupo religioso funcionaram, de modo geral, nos dois maiores centros urbanos da colônia, concentrando-se nos bolsões populacionais de colonos portugueses”, nos últimos anos do colonialismo, “identificavam-se os primeiros sinais de expansão dessas experiências missionárias para regiões mais distantes e infiltradas em áreas de predomínio étnico local, com lideranças mais identificadas com as culturas regionais” (Moreira, 2019, p. 115). O principal exemplo de sucesso batista brasileiro pós-independência foi de um trabalho que Valnice assumiu a liderança: “o protótipo das práticas missionárias com um perfil menos segregado e mais infiltrado nas culturas locais” gerou a Primeira Igreja Batista do Dondo, “iniciada graças à persistência, não de portugueses ou de brasileiros, mas de moçambicanos” (Moreira, 2019, p. 115).

Relembrando o contexto final do colonialismo e independência, Moreira aponta que “naquele momento, a expansão do cristianismo batista que logo seria impulsionada se relacionava à permanência de uma única missionária, Valnice Milhomens, no país” (Moreira, 2019, p. 130). Milhares de brancos deixaram o país, enquanto outros tantos foram mortos no “rastros de destruição e morte”, porém, os discursos dos batistas, em Moçambique e no Brasil, tentavam mostrar a confiança em Deus e a colaboração com os governos, com fins de manter a obra missionária (Moreira, 2019, p. 136). Todavia, “os relatos dos nacionais sobre a expulsão dos portugueses descrevem um contexto de pressa, imprevisto, abandono e caos nas instituições e nas igrejas onde eram a maioria” (Moreira, 2019, p. 141).

De acordo com Moreira (2019, p. 142), “o novo governo da FRELIMO [Frente de Libertação de Moçambique] fechou as portas para muitos pontos missionários”, o que logicamente afetou os batistas brasileiros: “a saída dos missionários brasileiros foi



uma tendência, quebrada apenas pela insistência da presença de Valnice Milhomens”<sup>6</sup>. Conforme Moreira (2019, p. 143), “com exceção da maranhense, todos os outros abandonaram o país e, por isso, as razões de sua permanência são intrigantes”; então “a história da denominação batista, de sua expansão e consolidação daí em diante passa pelo protagonismo da missionária brasileira e dos moçambicanos convertidos e capacitados para essas tarefas” (Moreira, 2019, p. 144).

Com a saída dos portugueses, um jovem líder negro moçambicano assumiu a agora Primeira Igreja Batista de Maputo. Moreira registra a dificuldade da Convenção Batista de Moçambique (CBM) diante da diversidade linguística, a qual inclusive “não seria a única responsável pelos laços de identidade e muros de apartamento cultural no jovem país” (Moreira, 2019, p. 147), portanto, “o cristianismo batista africano que viria a se desenvolver nas primeiras décadas do pós-independência carregaria as marcas dessas diferenças locais e também das subdivisões” (Moreira, 2019, p. 148). Ainda assim, a igreja em Maputo andou em colaboração com Valnice em Beira, resultando no “renascimento de um trabalho que germinaria com características bem diferentes daquele que herdaram de seus irmãos portugueses” (Moreira, 2019, p. 148).

Dessa forma, foi “durante esses primeiros anos após a Independência de Moçambique, que a missionária conseguiu aplicar um princípio norteador das missões praticadas pelos brasileiros: a transferência de liderança para os nativos” (Moreira, 2019, p. 149). Tudo isso em “um processo exaustivo, meticuloso e planejado”, partindo de “programas de discipulado que consistiam de encontros pessoais com os novos cristãos” onde “estudavam-se textos bíblicos que favoreciam a formação de lideranças” (p. 151). Valnice coordenou esse processo, inclusive fundando um instituto teológico, onde preparava os jovens que depois eram enviados para as outras províncias a fim de gerar novas iniciativas missionárias.

O trabalho de Valnice mostrava resultados: “solicitavam sua presença em outras regiões onde a mesma afirmava ser bem recebida por todos em geral e até mesmo pelas lideranças comunitárias instituídas pelo governo” (Moreira, 2019, p. 158). Mas não disfarçava os problemas com as ordens da Frelimo, pois “as hostilidades e as principais

---

<sup>6</sup> Cf. a tese de Cristiane Silva (2017), para compreender a “relação heterogênea, difusa, participativa e/ou conflitante da Frelimo com várias denominações religiosas ao longo da história de Moçambique” (p. 265).



medidas contra as organizações religiosas teriam se intensificado”, especialmente em 1979, com “a publicação de um conjunto de normas restritivas ao funcionamento de atividades religiosas no país” (Moreira, 2019, p. 160).

As restrições também dificultavam o contato de Valnice com o exterior e a aproximavam dos moçambicanos. Driblando as dificuldades do governo, os jovens treinados foram indispensáveis para o crescimento batista:

Milhomens passou a focar nos jovens com o nível de instrução exigido pelo governo para transferi-los aos cargos de chefia em diferentes regiões, ou, quando em caso de desqualificação, aos campos de trabalho, fechados para o serviço missionário e demais práticas religiosas. Dessa maneira, através dessas táticas, driblava-se as restrições oficiais, transformando-as em oportunidades (Moreira, 2019, p. 163).

Os entraves para Valnice e a missão não paravam. Terras e templos foram confiscados e nacionalizados, incluindo o de Dondo, por isso precisou alugar um novo local, “a funcionar como ponto de encontros religiosos. Os membros da igreja passavam a se reunir neste novo local e, além deles, moradores das povoações limítrofes” (Moreira, 2019, p. 164). Nos seus percursos, “voltava visitando e evangelizando pessoas, entre as quais, as meninas residentes na casa de apoio, onde antes funcionava a igreja” (Moreira, 2019, p. 165).

Logo, “através de práticas missionárias menos dependentes da realização de cultos formais e mais propensas a outras estratégias como as visitas nas casas”, a missionária batista tinha “a oportunidade de costurar uma rede de relações dentro daquela espacialidade” (Moreira, 2019, p. 166). Conforme o autor,

Ao reunir a igreja entre quatro paredes, sem um teto, bem ao centro de uma aldeia, a missionária estabelecia uma nova organização espacial onde ela era o centro. Ao visitar todas as casas em frente das quais passava ao final das reuniões da igreja, e ao ter seu nome colocado nas filhas daquelas famílias moçambicanas, aquela brasileira parecia tornar-se íntima. Penetrava em âmbitos encobertos da vida social e privada das pessoas. Adentrava em suas moradias, saía e repetia o ato entre os vizinhos, costurava relações (Moreira, 2019, p. 167).

Também no Brasil crescia “a admiração e a popularidade da ‘corajosa missionária’ que, mediante a uma inabalável fé em Deus permanecia firme em seus propósitos” (Moreira, 2019, p. 167). E, mais do que isso, as igrejas batistas aproveitavam sua imagem e “capitalizavam suas contribuições e o apoio imaterial para



impulsionar as missões batistas mundo à fora e, em particular, na África austral” (Moreira, 2019, p. 167).

As fontes orais registradas por Moreira indicam que o projeto batista brasileiro encetado por Valnice desejava ver o crescimento através das lideranças locais autônomas:

Abrir caminho para as lideranças africanas, e para o chamado “processo de africanização do cristianismo”, que consistia na autonomia e na autodeterminação das igrejas locais, era a principal preocupação da missionária brasileira, em torno de quem, até 1984 (ano de sua partida), aquele cristianismo começava a se expandir de maneira pungente e jamais ocorrida em período colonial (Moreira, 2019, p. 169).

Mesmo com todos os terrores da Guerra Civil, Valnice e seus convertidos aproveitavam todas as oportunidades para difundir sua mensagem. Conforme os relatos, o crescimento era acompanhado das intervenções sobrenaturais: “as manifestações miraculosas de um Deus de poder pareciam ser mais cabíveis àquele tipo de contexto, em detrimento de um corpo doutrinário mais tradicional” (Moreira, 2019, p. 195-196). Segundo o autor, a constante atmosfera do medo abria espaço para a busca de intervenções divinas. Logo, o ambiente de Moçambique levaria a ultrapassar os dogmas da CBB, onde não havia lugar para o sobrenatural, e aproximar os brasileiros na África das experiências de renovação espiritual e afastar-se da teologia e práticas tradicionais.

Como lembrado, o sucesso da empreitada missionária de Valnice lhe garantiu boa reputação no Brasil:

[...] a missionária adquiria notoriedade em sua denominação com a qual, até então, parecia ser uma pessoa perfeitamente integrada em termos doutrinários e teológicos. Mais que isso, Valnice, sempre descrita de forma estimada e querida, era destacada como exemplo da ousadia necessária àqueles que precisavam atravessar as fronteiras das alteridades, para alcançar populações negras africanas [...] (Moreira, 2019, p. 209).

As fontes de Moreira revelam o destaque à missionária dentro da CBB; porém, após 1982 – quando ela enfrenta dificuldades pessoais e demarca sua experiência pentecostal – sua memória seria relegada pela denominação: “as transformações teológicas e doutrinárias de Valnice Milhomens na África não foram pequenas. Ao contrário, tratava-se de uma radical mudança de direção que lhe afastaria



definitivamente da Convenção Batista Brasileira” (Moreira, 2019, p. 211). Convidada por duas sul-africanas brancas, Valnice participou de reuniões de avivamento espiritual, onde foi batizada no Espírito Santo. Conforme os narradores, a transformação de Valnice “foi pontual, sendo percebida apenas em seu último ano no país (1983)” (Moreira, 2019, p. 212).

Após voltar da África do Sul, “ainda permaneceu na liderança das missões batistas que conduzia durante um período em que divulgava suas novas ideias e experiências nas igrejas e no Instituto Bíblico da Beira, onde lecionava e preparava missionários moçambicanos” (Moreira, 2019, p. 219). Apesar de alguns de seus discípulos aderirem ao pentecostalismo por sua influência, antes mesmo da separação entre Valnice e CBB, foram os próprios moçambicanos que rejeitaram suas novas práticas, como o falar em línguas e curas milagrosas. Após ser denunciada às igrejas brasileiras por lideranças da CBM, “a África do Sul tornou-se moradia para a missionária que, ali, seguiu desenvolvendo suas novas ideias, crenças e experiências no campo da religião” (Moreira, 2019, p. 219).

Esses momentos estão na memória da INSEJEC, que reconta a experiência da sua fundadora, justificando-a como de orientação divina:

A missionária, em meio a uma experiência sobrenatural, renunciou à Junta a qual servira por treze anos em Moçambique e, obedecendo a uma palavra expressa do Senhor, foi para a África do Sul onde, por dois anos, passou por profundas experiências com Deus, culminando com um chamado sobrenatural de volta ao Brasil. [...] O Senhor a levava por um caminho de renúncia a tudo, então, precioso para ela, inclusive à Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, de quem se sentia propriedade. Vivia por um tempo na África do Sul, por comando Divino, buscando-O com intensidade, desconhecendo qual o próximo passo a seguir (Alves, 2021, s.p.).

A recorrência desse relato nos sites da INSEJEC e suas lideranças atestam o “trabalho de solidificação da memória” (Pollak, 1992, p. 201), tornando-se um acontecimento “vivido por tabela”, sendo parte da memória dos seus próprios membros:

[...] acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É



perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada (Pollak, 1992, p. 201).

Ainda segundo Michael Pollak (1992, p. 202), é possível compreender que Moçambique se torna “lugar de memória” para Valnice e todos os que a seguem, pois “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo”.

Segundo a memória da INSEJEC, pautada pela marca do sagrado, Valnice foi chamada por Deus para voltar ao Brasil enquanto estava em um retiro na África do Sul. Teria relutado, pois “renunciara a Junta, era bem conhecida da denominação, sabia da revolução que havia provado, detestando confrontação e preferindo sair do caminho, mantinha silêncio e esperava nunca mais voltar” (Alves, 2021). É quando ouviu a frase com a qual define sua trajetória apostólica: “tenho um ministério para ti no Brasil. Treina-me um exército” (Alves, 2021).

Assim, “retornava ao Brasil ao final de 1985 para assumir papel de destaque e pioneirismo no universo pentecostal e no tele-evangelismo brasileiro” (Moreira, 2019, p. 224). Em sua análise, Moreira, interpreta a reviravolta do ministério de Valnice “a partir da ideia de que os campos missionários são zonas de contato produtoras de novas culturas com efeitos imprevisíveis” (Moreira, 2019, p. 224). Tal como esperava transformar a situação dos moçambicanos e do cristianismo batista no país, Valnice foi transformada. Todos os missionários foram:

As circunstâncias desafiadoras e até dramáticas daquele contexto, obrigava-os a encontrar respostas que reagissem, de fato, àquelas dificuldades. Além disso, as experiências de profunda imersão cultural naquela zona de contato também deixariam suas marcas na vida daqueles religiosos (Moreira, 2019, p. 225).

Enquanto Valnice estava na África do Sul, Noêmia Gabriel chegou a Moçambique no fim de 1983, “dirigindo-se à Beira com a missão específica de substituir Valnice Milhomens” (Moreira, 2019, p. 226). Entre choques culturais e inserção na cultura local, e seu próprio casamento com um moçambicano, essa missionária negra brasileira continua servindo no país, ligada à JMM.

Ao fim, o processo iniciado com a chegada dos missionários brasileiros gerou



[...] um cruzamento de culturas que se reelaboravam a partir de convergências e divergências circunstanciais, diante das quais as astúcias cotidianas dos sujeitos históricos remanejavam posições assimétricas, porém, dinâmicas, permitindo, assim, a própria alteração dos protagonismos que, no período de expansão desse cristianismo que se africanizava, passavam a ser, notadamente, africanos em razão do compartilhamento de liderança desse processo onde os chamados “nacionais” assumiram a dianteira do transcurso (Moreira, 2019, p. 42).

E Valnice Milhomens retornou ao Brasil, iniciou o Ministério Palavra de Fé e depois a INSEJEC. Segundo ela, “quando Deus me chamou de volta ao Brasil, após servir por treze anos, como missionária dos batistas brasileiros em Moçambique, seguidos de cerca de dois anos na África do Sul, foi com uma visão de redenção nacional” (Milhomens, 2010). Portanto, seu apostolado estava apenas começando.

### 3. Uma trajetória apostólica no Brasil em destaque

Valnice é uma personagem de destaque na história evangélica brasileira, reconhecida em determinadas pesquisas acadêmicas e na mídia, tendo tomado parte em importantes movimentos das igrejas brasileiras, como a Teologia da Prosperidade, guerra espiritual, Visão Celular, apostolado, relações com Israel e política nacional. Na década de 1990 e o início do século XXI, era nome frequente nas críticas de outros evangélicos. Primeiro, era citada nas discussões a respeito do neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade<sup>7</sup>, no que Jungblut (1997) chamou de “a ‘guerra santa’ de evangélicos contra o neopentecostalismo”. Tratava-se “do combate teológico que alguns setores evangélicos, francamente contrários a determinadas bases teológicas neopentecostais (e suas consequências)” mantinham “contra o que consideram heresias neopentecostais inaceitáveis a tradição evangélica” (Jungblut, 1997, p. 47).

Era o momento, após retornar de Moçambique, no qual Valnice assumiu “papel de destaque e pioneirismo no universo pentecostal e no tele-evangelismo brasileiro” (Moreira, 2019, p. 224). Um dos mais célebres críticos à pastora era o pastor e apologista Paulo Romeiro, que denunciava as pregações de famosos pregadores dos

---

<sup>7</sup> Cf. discussões em: Mariano (2005), Gabatz (2017) e Costa (2020). Também Antonio e Lahuerta (2014), que interpretam o neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade como resposta individualista e privatista à crise e transformação do fenômeno político contemporâneo, dentro da lógica da modernização periférica brasileira.



anos 1990, distinguindo-os como danosos à igreja brasileira. Ainda que Romeiro (1998) a reconhecesse como uma “irmã”, Valnice era uma das principais expostas, sendo inclusive nominada no subtítulo do seu livro-denúncia como uma das profetas da prosperidade. A acusação do escritor contra Valnice se devia a pretensos erros doutrinários em suas mensagens televisivas e livros que alcançavam relativo sucesso entre as igrejas, em referência principalmente à Teologia da Prosperidade, mas também de outros ensinamentos considerados não ortodoxos.

Indissociável dessas pregações, estava a Teologia do Domínio, da qual Valnice era uma das expoentes, acreditando “que o mundo está em poder de satanás” e declarando a “necessidade do cristão declarar uma guerra espiritual contra o diabo por meio de orações afirmativas e imperativas, jejuns, atos proféticos e marchas” (Dias, 2009, p. 127). Por isso fundou seus Guerreiros de Oração em guerra espiritual pelo Brasil. A “redenção nacional” (Milhomens, 2010) viria por essas práticas.

Outra crítica frequente envolveu a Visão Celular G12, “uma metodologia colombiana de expansão de igrejas protestantes através da gestão dos grupos celulares com doze líderes, este número doze é uma retomada simbólica dos doze apóstolos do Novo Testamento” (Dias, 2009, p. 13). Caroline Dias (2009) demonstra a importância de Valnice para a difusão desse método de crescimento por igrejas e denominações no país. Valnice, ao lado do também apóstolo Renê Terra Nova, foram os principais divulgadores da Visão G12 no Brasil; o reconhecimento que ambos tinham devido ao crescimento de suas igrejas contribuiu para a expansão do G12 – e por isso, foram condenados em diversos círculos denominacionais, como a própria CBB, de onde haviam saído os dois apóstolos (Dias, 2009; Mazzeo, 2020)<sup>8</sup>.

Como mencionado, Valnice é solteira e sem filhos. Antes disso, está o fato de ser uma mulher. A bem conhecida posição de algumas igrejas em impedir a liderança feminina e os debates em torno da ordenação (Farias, 2021) não a impediram de se tornar uma das principais pastoras do país. E isso sem ser segundo lugar de um homem, pois apesar do discurso que afirma o sacerdócio de todos os crentes e que “todo

---

<sup>8</sup> Terra Nova rompeu com Castellanos em 2005 e criou sua versão do G12, a Visão M12, da qual é o líder maior. Quanto a Valnice, continuou sob a mentoria de Castellanos e como uma das líderes principais do G12 Brasil. Contudo, atualmente, não é possível confirmar a continuidade desse relacionamento, tendo em vista a falta de referências a ela nas páginas do movimento no país.





discípulo pode ser um líder e isso independe do sexo”, o esperado é a posição de obediência: “quando a mulher casa e adquire família a submissão ao marido é a maior ordenança” (Dias, 2009, p. 170). Diferente da maioria das igrejas pentecostais, ambientes altamente generificados, entretanto,

Valnice Milhomens é apóstola, o mais alto nível dessa hierarquia [clerical] e não é por que possui marido apóstolo, pois é celibatária e construiu e consolidou seu ministério provocando esta ruptura num protestantismo androcêntrico e como uma líder mulher e solteira (Dias, 2009, p. 170).

Na Visão Celular, o mais comum são as mulheres estarem em segundo lugar, depois do seu marido pastor ou apóstolo: “o modelo de pastora esposa de pastor que desenvolve o seu ministério paralelo ao masculino” (Dias, 2009, p. 174). Existem milhares de apóstolas no Brasil; mas quantas são a presidente da igreja ou representante de movimentos, como Valnice Milhomens?<sup>9</sup> É possível argumentar que ela apenas pôde exercer seu ministério apostólico e obter reconhecimento por causa do “dom” do celibato – sua liderança seria menos contestada por não precisar ser “submissa” a um marido. Parece que Valnice pode ser celebrada em tantas igrejas, por seus pioneirismos, exatamente por essa posição de excepcionalidade que apaga possíveis conflitos. Mesmo dentro da Visão Celular, onde há mais liberdade para a ordenação feminina e mais oportunidade de atuação – “o G12 e o M12 trouxeram significativas contribuições ao campo protestante em relação ao papel das mulheres e ao pastorado feminino” (Dias, 2009, p. 178), a autora ainda observou a resistência a mulheres como líderes principais.

Isso nos leva a destacar a diferença do apostolado de Valnice para outros líderes com o mesmo título. Valnice Milhomens não é apóstola apenas da INSEJEC, como fundadora, mas de todas as igrejas que a reconhecerem como tal. Isso se aplica a “cobertura” e orientação que ela poderia dar no G12 ou no próprio movimento apostólico, por ser do Conselho Apostólico Brasileiro. Sua liderança extra-INSEJEC é facilmente reconhecida por sua participação em eventos em diferentes igrejas, incluindo em elevar outros pastores a apóstolos, prática que tomou dentro da própria INSEJEC, ao

---

<sup>9</sup> Vale destacar que a INSEJEC Campina Grande é liderada por um casal de apóstolos, Rivanda e José Bezerra, mas Rivanda é de fato a presidente da igreja e foi ungida apóstola bem antes de seu marido. Também é curiosa a recorrência de pastoras solteiras na INSEJEC, como notado por Dias. Cf. Ministério César (2012b).



ungir outros apóstolos, que fazem parte da liderança da igreja (Ministério César, 2012a). Sua postura de aceitar o apostolado como algo que a transcende poderia explicar inclusive a opção de liberar suas igrejas para a independência. Tal não parece se dar com outros famosos apóstolos do país, como Valdemiro Santiago, que certamente não aceitaria outro apóstolo em sua igreja, pois ali o cargo é do fundador e presidente, considerando que ele “apresenta-se como uma figura carismática, porém com uma tônica autoritária e centralizadora” (Leite, 2015, p. 28).

Valnice ainda é importante nome do sionismo evangélico brasileiro. Desde que iniciou seu próprio ministério, Valnice tem realizado e conduzido viagens a Israel; contudo, “este aspecto de peregrinação à Jerusalém, não é apenas um empreendimento turístico” (Dias, 2009, p. 82). É o que apóstolos como Valnice e Terra Nova chamam de “sair de Roma e ir para Jerusalém”, frase “que caracteriza a disputa por legitimidade no campo religioso brasileiro”, ao clamar por “uma ruptura final com as heranças religiosas do catolicismo, o qual se organizou e se constituiu o Estado do Vaticano dentro de Roma ao mesmo tempo em que prega o retorno às origens da religião hebraica” (Dias, 2009, p. 82). Por isso, o uso de símbolos que remetem ao antigo culto hebraico, “buscam denotar e conotar legitimidade às suas práticas, buscando nas origens e profecias do Antigo Testamento uma legitimidade religiosa para suas inovações religiosas” (Dias, 2009, p. 82).

Além da Teologia do Domínio, dada a incursão de Valnice Milhomens na Nova Reforma Apostólica (NAR), movimento de origem norte-americana que defende o apostolado moderno, seus discursos também caminham para o sionismo evangélico, de “alinhamento e comprometimento com os interesses da elite política israelita atual” (Machado; Mariz; Carranza, 2022, p. 239). Ainda que a proximidade de Valnice com o que se chama de “práticas judaizantes” seja antiga, Machado, Mariz e Carranza (2022, p. 243) sugerem que “a NAR estimulou e deu impulso político a sentimentos preexistentes na cultura evangélica brasileira a favor de Israel”.

Esse apoio também se expressa em encontros com lideranças políticas, como com o embaixador de Israel, articulado pelo pastor e deputado Roberto de Lucena. Valnice foi enfática: “quero que saiba que nós daremos todo o suporte necessário a



Israel” (Novo [...], 2017)<sup>10</sup>. Nisso, se vê como suas posições políticas também merecem destaque, pois, na Teologia da Domínio neopentecostal, “é preciso combater o adversário com práticas devocionais e práticas sócio-políticas” (Dias, 2009, p. 128). Valnice chamou certa atenção midiática em 2010 e 2014 por ser declaradamente cabo eleitoral da candidata à presidência Marina Silva, profetizada como escolhida para uma mudança no país; na análise de André Eler (2022), “a ênfase era em Marina ser justa, não por ser religiosa, mas por ser honesta. A expectativa era de que, por isso, ela governaria para todo o povo, por ter no seu caráter a humanidade, o temor e amor a Deus”. No entanto, a apóstola alterou sua percepção e profecias para 2022; Eler alerta que nessa eleição, para Valnice e outros líderes evangélicos, “a expectativa é mais exclusivista, de um predomínio dos cristãos sobre os demais”. Boa parte da liderança e fiéis deixaram “a expectativa de que evangélicos sejam tratados como iguais, com alguma boa vontade, pela mídia e pela esquerda, e passa a comprar o discurso de Bolsonaro” (Eler, 2022)<sup>11</sup>.

Dessa forma, observa-se Valnice Milhomens diretamente envolvida nos rumos da história evangélica recente, de seu crescimento exponencial às polêmicas internas e externas. Não se pode compreender esses desenvolvimentos sem a presença da apóstola.

#### 4. A INSEJEC na África

Pelos autores aqui trabalhados, a INSEJEC é classificada como expoente da tendência cristã chamada de “neopentecostalismo”. E constitui-se um fenômeno corrente que igrejas brasileiras, principalmente as neopentecostais no novo século, ao se expandir internacionalmente, se dirijam a África de língua portuguesa.

Descortinando o reavivamento religioso no país, Van de Kamp (2015, p. 390) observa que a maioria dos missionários se instalam em Moçambique, logo, “as igrejas brasileiras estão integradas às paisagens periurbanas do país e se tornaram cada vez mais influentes nos últimos anos”. Elas “não se dirigem a uma comunidade de

---

<sup>10</sup> Cf. Machado e Mariz (2023), uma continuação do texto de 2022, sobre a construção da cultura política pró-Israel no Brasil, analisando também os interesses de evangélicos, do Estado de Israel e de redes transnacionais no fomento do sionismo cristão no país. Valnice Milhomens é lembrada como uma das envolvidas nessa difusão.

<sup>11</sup> Cf. Peron (2014). Convém destacar que apesar de ser uma liderança conservadora, as críticas de Valnice à atual conjuntura política nacional tentam se desvincular de uma posição que se define como de direita (Cristão também pensa, 2023).



migrantes brasileiros, mas aos próprios moçambicanos” (Van de Kamp, 2015, p. 390). As mulheres das zonas urbanas, expoentes de novas mobilidades socioeconômicas, são o principal público dessas igrejas. Gaspar (2006, p. 184) afirma que “se percebe uma relação entre sexo e tempo de permanência na Igreja: os homens têm menos tempo de pertença à Igreja, ou seja, quanto maior for o tempo de permanência ou de conversão a Igreja, menor é a quantidade de homens”. Ainda que esses dois autores tratem da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), é possível conjecturar que as demais igrejas neopentecostais brasileiras no país sigam a mesma direção.

Em observações em igrejas de origem brasileira, Van de Kamp (2015, p. 402) registra que “como estrangeiros, os pastores brasileiros confrontavam os moçambicanos com uma variedade de comportamentos e aspetos de sua cultura e modo de vida”. Tais confrontos envolviam as relações com os espíritos dos antepassados, com os curandeiros tradicionais, com o casamento e os comportamentos afetivos, pois “os pastores queriam abrir e quebrar a força dos valores culturais locais, como forma de provocar sua transformação. Impelem, assim, os convertidos a cruzarem fronteiras culturais e espirituais” (Van de Kamp, 2015, p. 402). Logo, em sua análise, a experiência religiosa pentecostal dos moçambicanos os convida à mobilidade; nesse caso não a física, como fazem os pastores brasileiros indo para o país, mas “tornam-se transnacionais, pois embarcam em uma viagem em relação a percepções, valores e práticas sociais e culturais”, afastando-se dos costumes e crenças locais e aprendendo com os estrangeiros (Van de Kamp, 2015, p. 404).

Quanto a uma dessas igrejas, a INSEJEC, está presente em Moçambique desde uma data não especificada. É possível conjecturar que também desde a década de 1990, já que sua liderança local, o apóstolo Alberto Vicente Semente Dango, é discípulo de Valnice Milhomens desde as missões da JMM: “pastor Alberto Semente, moçambicano de Sofala, convertido ao cristianismo batista através da brasileira Valnice Milhomens por quem fora discipulado na Igreja Batista do Dondo” (Moreira, 2019, p. 184). Semente serviu por vários anos como pastor da CBM em Nampula antes de entrar na INSEJEC. Foi reconhecido apóstolo em março de 2008, por Valnice em Moçambique (Ministério César, 2012c). Tal acontecimento pode revelar a persistência da tendência iniciada nos seus tempos de JMM, de incluir a liderança local e promover sua ascensão dentro do movimento religioso.



Contudo, é necessário destacar a África de língua portuguesa como espaço de problemas para lideranças brasileiras. Angola é o melhor exemplo, onde por mais de uma década, a IURD enfrentou uma série de problemas com o governo, inclusive com fechamento de templos e expulsão de pastores. Silas Fiorotti (2023) indaga como esses acontecimentos afetarão a denominação em Moçambique, onde está fortemente enraizada.

A Angola também foi palco de transformações na INSEJEC. Em 2017, o líder da INSEJEC em Luanda, o brasileiro Itamar Vieira, foi ungido apóstolo por Valnice, no Brasil, ao mesmo tempo em que ela promoveu a autonomia administrativa e jurídica de todas as congregações, permitindo a independência das igrejas. Em 2018, a própria apóstola residiu em Angola, com um visto temporário, para treinar pessoas ao ministério. Depois disso, em 2019, Itamar confirmou a separação da INSEJEC Angola, para se juntar a Before the Throne Church, dos também brasileiros Gustavo Bessa e Ana Paula Valadão, tornando-se a Igreja Diante do Trono – Angola, aparentemente em uma transição pacífica e abençoada por Valnice (Ministério César, 2018). Porém, em 2022, uma dessas congregações voltou a atuar diretamente como INSEJEC em Angola, e ainda com um apóstolo nacional, Mandela Barros (Insejec Angola, 2024). Essa transição pacífica pode ter escondido problemas que resultaram no retorno à Valnice. Enquanto isso, em Moçambique, a igreja segue na liderança do antigo converso dos tempos de JMM.

Destarte, Fiorotti, investigando os diálogos da IURD em Moçambique com outras práticas religiosas, percebe que ainda que haja a postura combativa, também existem continuidades com as práticas tradicionais. Nota que, após anos de combate explícito e *insensível*, “há uma preocupação no sentido de garantir que os elementos simbólicos utilizados sejam elementos aceitos pelas populações e de não cometer atos caracterizados como *insensibilidade cultural*” (Fiorotti, 2023, p. 36, grifo do autor). Em sua revisão de outros autores, contesta a falta de percepção da “maleabilidade” da igreja brasileira: “a própria IURD em Moçambique, pelo menos nos últimos anos, já não demoniza explicitamente os espíritos dos antepassados ou ancestrais, nem demoniza as igrejas ziones” (Fiorotti, 2023, p. 39).

Nos cabe perguntar como se dá a interação da INSEJEC em Moçambique com a cultura do rico universo religioso moçambicano, que pode ultrapassar os interesses dos



missionários brasileiros e lideranças locais. Mesmo as duras mensagens não podem impedir múltiplos pertencimentos religiosos no Moçambique contemporâneo; haveriam entre as igrejas de Valnice Milhomens o convívio com várias crenças, desafiando as ordens doutrinárias vindas do Brasil? Infelizmente, considerando a ausência desse assunto em publicações da igreja e de trabalhos sobre essa igreja no país africano, não há essa resposta.

### Considerações finais

Missionários brasileiros foram e continuam sendo enviados para todas as regiões da África. Entretanto, além de tentar provocar mudanças partindo de sua mensagem salvadora, demonstrou-se que o campo missionário também pode ser catalisador de transformações nos próprios missionários. O contato com o Outro, com novas realidades, pode alterar as crenças e práticas pré-estabelecidas nos cânones e gerar algo novo e surpreendente. Em Moçambique, Valnice Milhomens foi de representante ideal da missão batista à indesejada devido à sua reviravolta.

A história dos batistas em Moçambique não existe sem ela. Não apenas os adeptos da INSEJEC não esqueceram seus anos de dedicação no país, como faz parte da memória da igreja, como um “acontecimento por tabela” e um “lugar de memória” (Pollak, 1992, p. 201-202) que explica a missão apostólica de sua fundadora e que se expande para todos os membros; mesmo a CBB, atualmente, admite o papel incontestável daquela missionária para a expansão batista (Rangel, 2016).

Apesar de seu lugar de destaque nas memórias evangélicas, sua trajetória parece apagada na academia, diminuída diante do nome de inúmeros homens mais famosos e com igrejas maiores. Além dos limites deste texto, outras áreas de seu pioneirismo nunca foram investigadas, como a carreira de primeira televangelista em rede nacional; ou ainda sua atuação na África fora da CBB. Faltam trabalhos sobre a INSEJEC africana, seja por autores brasileiros ou moçambicanos.

Porém, apesar do destaque a Valnice Milhomens e sua história que parece sagrada, não se pode esquecer que o sucesso de sua igreja inicial e depois do ministério que fundou se deve principalmente ao trabalho dos próprios convertidos moçambicanos. Mesmo com o trabalho dos missionários brasileiros, foram os moçambicanos que levaram as igrejas pelas províncias do país e consolidaram o trabalho. Ou seja, eles são



sujeitos dessa expansão evangélica, pentecostal, neopentecostal, com raízes no Brasil, mas que também se mantém viva diante da reelaboração africana.

Resta saber se as igrejas INSEJEC souberam se moldar ao ambiente religioso de Moçambique e dialogar com as culturais locais. Em que níveis as doutrinas foram maleáveis no país para garantir seu sucesso e expansão? Mais ainda, não apenas na INSEJEC, pode-se indagar se as igrejas sedes no Brasil souberam aproveitar algo dos fiéis africanos. A relação com as filiais da África se resume a visitas esporádicas, onde brasileiros dançam com os africanos e usam vestes tradicionais, ou a África continua ensinando alguma coisa como nos tempos dos missionários da CBB?

Mesmo este artigo, não arranha as experiências de igrejas brasileiras atuando em Moçambique. Moçambique e Angola parecem dominar a atenção das igrejas brasileiras com intenções missionárias para a África, e assim inúmeras viagens de missões, líderes, apóstolos e igrejas se deslocam até o continente para salvar as almas no país<sup>12</sup>. A história de Valnice Milhomens pode ter contribuído para essa representação permanente de Moçambique como espaço carente dos milagres levados pelos brasileiros; permanece a lacuna para saber se as atuais missões brasileiras no sul da África também se importam com o desenvolvimento de lideranças nacionais para promover autonomia local.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Pr. Adilson. 27 anos INSEJEC. **Facebook**, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/adilson.alves.169405/posts/pfbid02yksPCeghvDLVThTE5neyGfXZttbCzamH4qxFKTffWn6vd83FgGMCrHL8PsY7WoT9l>. Acesso em: 25 dez. 2023.

ANTONIO, Gabriel Henrique Burnatelli de; LAHUERTA, Milton. O neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 14, p. 57-82, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/RS8WDsN4tkYGcFKbnqsnWZd/>. Acesso em: 20 set. 2023.

<sup>12</sup> No sentido contrário, a principal liderança evangélica a atuar em Moçambique, sendo requisitada em eventos no Brasil e pelo mundo, é Heidi Baker, missionária norte-americana e apóstola, com narrativas marcadas por milagres e crescimento religioso. Cf. Ministério César (2013). Também ao longo desse site, pode-se perceber a recorrente menção a Moçambique e Angola nas missões de igrejas apostólicas brasileiras.



CONSELHO APOSTÓLICO BRASILEIRO. 20 anos da União Apostólica. **Conselho Apostólico Brasileiro**, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.conselhoapostolico.com/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

COSTA, O. B. R. da. Mais que vencedores: as dinâmicas socioeconômicas nas/das igrejas neopentecostais. **Revista Videre**, Dourados, v. 12, n. 23, p. 271-285, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/11090>. Acesso em: 12 set. 2023.

CRISTÃO TAMBÉM PENSA. Valnice Milhomens comenta fala de Marina Silva e outras atitudes do novo governo. **Youtube**, 21 jan. 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CF9xAcOhV\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=CF9xAcOhV_k). Acesso em: 14 jan. 2024.

DIAS, Caroline Luz e Silva. **Os neopentecostais em Feira de Santana**: “Da Visão Celular no Modelo dos 12 ao Mover Celular do Fruto Fiel”. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

DISTRITO FEDERAL. Projeto de Decreto Legislativo 310/2004. **Câmara Legislativa do Distrito Federal**, 2004. Disponível em: <https://legislacao.cl.df.gov.br/Legislacao/carregaTexto-18953!TextoRedacaoInicial!carregar.action;jsessionid=8EB2B4E15F1BDC61CBD859BC965116C5>. Acesso em: 04 nov. 2023.

DUNAMIS MOVEMENT. Como funciona o celibato? | Valnice Milhomens - Cortes Dunamis Hangout. **Youtube**, 25 nov. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a\\_Vm1CeZiEY](https://www.youtube.com/watch?v=a_Vm1CeZiEY). Acesso em: 13 set. 2023.

ELER, André. O tsunami que carregou Valnice Milhomens para longe de Marina. **Didaquê do Jair**, 4 out. 2022. Disponível em: <https://didaque.substack.com/p/o-tsunami-que-carregou-valnice-milhomens>. Acesso em: 13 set. 2023.

FARIAS, Alana Carla Lucena. **Sacerdócio feminino**: uma análise da violência simbólica em torno do processo de ordenação pastoral de mulheres na Convenção Batista Paraibana. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

FIOROTTI, Silas. Diálogos da Igreja Universal com outras práticas religiosas no sul de Moçambique: um outro pentecostalismo. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 32-49, maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/85519/53306>. Acesso em: 30 nov. 2023.

GABATZ, Celso. **O neopentecostalismo e a teologia da prosperidade no Brasil**: aspectos de uma identidade religiosa e social na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.





GASPAR, Dowyvan Gabriel. “**É dando que se recebe**”: a Igreja Universal do Reino de Deus e o negócio da fé em Moçambique. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

INSEJEC. Valnice Milhomens. **Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo em São José dos Campos**. Disponível em: <https://insejecsjc.com.br/valnice>. Acesso em: 17 out. 2023.

INSEJEC ANGOLA. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/InsejecAng/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A “guerra santa” de evangélicos contra o neopentecostalismo. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 46-52, nov. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/2688/1504>. Acesso em: 12 set. 2023.

LEITE, Maria Elizafá Sousa. “**A mão de Deus está aqui**”: um estudo da Igreja Mundial do Poder de Deus a partir da figura do Apóstolo Valdemiro Santiago. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2015.

MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília Loreto. O sionismo cristão no Brasil do século XXI e os interesses em jogo. **Ciências Sociais y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 25, e023025, out./dez., 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8673504/33239>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília Loreto; CARRANZA, Brenda. Genealogia do sionismo evangélico no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 42 (2), p. 225-248, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/CQGqnNvQcWHcqV7yDK3Q5Yz/>. Acesso em: 13 set. 2023.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 33-48, 1999. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/213>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MAZZEO, Ricardo Alves Moreira. **Um novo jeito de ser igreja**: a experiência religiosa das comunidades celulares. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2020.

MILHOMENS, Valnice. A redenção do Brasil. **Valnice Milhomens**, 2010. Disponível em: <https://valnicemilhomens.wordpress.com/biografia-2/>. Acesso em: 17 out. 2023.



MINISTÉRIO CÉSAR. Organizações Apostólicas. **Ministério César**, 01 abr. 2010. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2010/04/apostolos-organizacoes-apostolicas.html>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MINISTÉRIO CÉSAR. Reforma Apostólica - Brasil 2. **Ministério César**, 15 jun. 2012a. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2012/06/expansao-apostolica-brasil-2.html>. Acesso em: 01 nov. 2023

MINISTÉRIO CÉSAR. Reforma Apostólica - Brasil 17. **Ministério César**, 03 ago. 2012b. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2012/08/reforma-apostolica-brasil-17.html>. Acesso em: 01 nov. 2023

MINISTÉRIO CÉSAR. Reforma Apostólica - Exterior 17. **Ministério César**, 19 maio 2012c. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2012/05/expansao-apostolica-exterior-17.html>. Acesso em: 04 dez. 2023.

MINISTÉRIO CÉSAR. Reforma Apostólica - Exterior 24. **Ministério César**, 22 jul. 2013. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2013/07/reforma-apostolica-exterior-29.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MINISTÉRIO CÉSAR. Reforma Apostólica - Exterior 68. **Ministério César**, 18 jul. 2018. Disponível em: <https://www.ministeriocesar.com/2018/06/reforma-apostolica-exterior-68.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MOREIRA, Harley Abrantes. **Onde há desespero, a esperança é importante?** Uma história da expansão do cristianismo Batista em Moçambique (1950-1992). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

NOVO embaixador de Israel completa um mês no Brasil e recebe lideranças evangélicas. **Roberto de Lucena**, 07 abr. 2017. Disponível em: <https://robertodelucena.com.br/novo-embaixador-de-israel-completa-um-mes-no-brasil-e-recebe-liderancas-evangelicas/>. Acesso em: 05 nov. 2023.

PERON, Isadora. Pastores declaram apoio a Marina citando que projeto da candidata ‘vem de Deus’. **Estadão**, 26 set. 2014. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/pastores-declaram-apoio-a-marina-citando-que-projeto-da-candidata-vem-de-deus/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 15 fev. 2018.

RANGEL, Willy. Uma história mais do que centenária. **O Jornal Batista**, ano CXV, ed. 26, jun. 2016. Disponível em: [https://issuu.com/jornalbatista/docs/ojb\\_26\\_final](https://issuu.com/jornalbatista/docs/ojb_26_final). Acesso em: 17 out. 2023.



ROMEIRO, Paulo. **Super crentes**: o Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade. 7. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

SILVA, Cristiane Nascimento da. “**Viver a fé em Moçambique**”: as relações entre a FRELIMO e as confissões religiosas (1961-1982). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SILVA, Teresa Cruz e. Educação, identidades e consciência política: A Missão suíça no Sul de Moçambique (1930-1975). **Lusotopie**, p. 397-405, 1998. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/cruz.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

VAN DE KAMP, Linda. Pentecostalismo brasileiro em Moçambique: produção de conhecimento espiritual e cultural em um espaço transnacional. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 389-414, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5980/5414>. Acesso em: 14 set. 2023.